

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE E HOSPITALAR: O PSICÓLOGO NO HOSPITAL MUNICIPAL

MILANI, Andressa Gonçalves¹; SILVA, Sérgio Everson da²; TRICOLI, Taian Felipe Pinto Puzoni³.

<https://doi.org/10.60035/1678-0795.momentum-v2n24-574>

RESUMO

Este trabalho tem como proposta esboçar sobre como se deu a experiência dos estagiários do curso de Psicologia dentro do contexto hospitalar, mais precisamente no setor ambulatorial, dentro da disciplina de estágio de Procedimentos Investigativos e Interventivos em Psicologia da Saúde e Hospitalar, cujo objetivo foi proporcionar aos estagiários uma experiência prática dentro do contexto hospitalar, abordando os níveis de atenção à saúde e o trabalho multidisciplinar. Os atendimentos focaram nos aspectos da Psicologia Hospitalar e foram prestados em um Hospital Municipal do interior paulista, objetivando-se o aperfeiçoamento de um olhar crítico, empírico e a vivência prática do papel fundamental do profissional de psicologia no contexto de hospital e as suas investigações e intervenções considerando o paciente, a família, os profissionais de saúde e o fator institucional.

Palavras-chave: Psicologia; saúde; hospital; experiência.

ABSTRACT

This work aims to outline how the experience of the interns of the Psychology course took place within the hospital context, more precisely in the outpatient sector, within the internship discipline of Investigative and Interventional Procedures in Health and Hospital Psychology, whose objective was to provide the interns with a practical experience within the hospital context, addressing the levels of health care and multidisciplinary work. The consultations focused on the aspects of Hospital Psychology and were provided in a Municipal Hospital located in the interior of São Paulo State, aiming at the improvement of a critical, empirical look and the practical experience of the fundamental role of the psychology professional in the hospital context and their investigations and interventions considering the patient, the family, the health professionals and the institutional factor.

Keywords: Psychology; health; hospital; experience.

¹ Psicóloga, Graduação em Gestão de Recursos Humanos pelo Centro Universitário UNIFAAT; Coordenadora Clínica ABA pelo Núcleo Liberta; Pós-Graduanda em Musicoterapia pela FAMOSP.

² Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário UNIFAAT.

³ Psicólogo, Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental pelo Centro Universitário UNIFAAT, Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário São Camilo, MBA em Liderança Positiva, Cultura Organizacional e Desenvolvimento Humano pela ARTMED – PUCPR; Coordenador Adjunto do Curso de Psicologia, Monitor Técnico do Núcleo de Treinamento em Avaliação Psicológica; Docente de Psicologia pelo Centro Universitário UNIFAAT e Diretor da Tricoli Saúde Mental. *E-mail:* taian-felipe@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Este estudo apresentará uma descrição de como foi a experiência dos estagiários do 5º ano do curso de Psicologia inseridos no contexto da saúde e hospitalar, contando essencialmente com a prática de atendimentos no ambiente hospitalar, objetivando a aprendizagem no quesito em lidar com demandas psicológicas presentes, relacionadas ao aspecto do adoecimento físico, familiar e institucional. O dinamismo hospitalar abarca inúmeras possibilidades de manejo e técnica do profissional, neste caso, dos estagiários que ali estiveram, ainda mais quando se trata de um hospital municipal, que atende não somente ao seu município, mas também toda a região em seu entorno, o que exige uma flexibilidade de técnicas a serem utilizadas frente às diferentes situações de saúde e doença.

O ambiente hospitalar, marcado pelo contato constante com situações de vulnerabilidade e sofrimento, favorece a emergência de reflexões sobre questões existenciais e emocionais que exigem um processo de compreensão e elaboração aprofundado (Assunção *et al.*, 2025, p. 109).

Essa experiência contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento e aprimoramento da escuta ativa e de intervenções adequadas e precisas diante das demandas apresentadas por pacientes e acompanhantes, a fim de proporcionar apoio emocional e prático, redução da ansiedade e estresse devido à hospitalização, orientação, promoção de qualidade de vida e humanização. Em especial, o papel da humanização por finalidade à garantia de direitos aos pacientes, acompanhantes e profissionais, no que tange à promoção de saúde e condições de trabalhos.

Nessa perspectiva, buscou-se uma abordagem mais direcionada aos aspectos emocionais e psicológicos dos pacientes, sendo essa a principal ferramenta do psicólogo hospitalar, pois estes aspectos são muito difíceis de serem acessados pela equipe de saúde e, quando acessados, falta-lhes o manejo técnico sobre eles (Lulli *et al.*, 2025). Em suma, a Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão (PNH) (2010) preconiza que “o SUS institui uma política pública de saúde que visa à integralidade, à universalidade, à busca da equidade e à incorporação de novas tecnologias, saberes e práticas”, ou seja, construção de diálogos, trocas entre os diversos saberes de equipes multiprofissionais para ações de saúde que visem à interatividade, científicidade, solidariedade, ética, participação e protagonismo.

Nesse sentido, Almeida e Malagris (2015) ressaltam que a Psicologia da Saúde procura entender como e o quanto as variáveis psicológicas dos pacientes e da família podem vir a impactar na manutenção da saúde, tanto em relação ao desenvolvimento de doenças quanto também em seus comportamentos associados a determinado quadro clínico, uma vez que o psicólogo e todos os agentes componentes da equipe de saúde do hospital experienciam

cotidianamente emoções e sentimentos relacionados a noções de vida e morte, sentimentos de ambivalência e impotência muitas vezes atrelados à prevalência da doença, abarcando também demasiadas cobranças e expectativas frente à finitude.

Por sua vez, a psicologia hospitalar visa auxiliar pacientes e familiares a lidarem com aspectos emocionais e de ordem psíquica relacionados ao adoecimento e às angústias quanto ao processo de hospitalização (Assis; Figueiredo, 2020). No entanto, ainda são encontradas barreiras que podem limitar os processos investigativos e interventivos e, consequentemente, exercer atendimento e atenção especializada à pessoa hospitalizada, sendo ela em sua integralidade o seu principal estudo, e não a doença que a acomete.

No contexto hospitalar, a atenção voltada para a saúde dos pacientes é dividida em níveis considerando a complexidade da demanda suportada por cada instituição, conforme aponta Carvalho (2013), citado por Santos, Gomes e Silveira (2020, p. 88):

1. Atenção básica; além do atendimento, visa a realizar promoção, prevenção e recuperação da saúde, é um trabalho voltado também para as famílias.
2. Atenção secundária; a doença já identificada no paciente requer um acompanhamento mais específico.
3. A Atenção terciária; é para paciente com caso mais grave, precisando de internação para melhor tratamento.
4. A Reabilitação; apesar do paciente ter feito todos os procedimentos ele ainda precisa de acompanhamento.

A Psicologia Hospitalar propõe uma especialização ao psicólogo e centraliza-se nos setores secundário e terciário de atenção à saúde, atuando em instituições de saúde, propondo:

[...] atendimento psicoterapêutico; grupos psicoterapêuticos; grupos de psicoprofilaxia; atendimentos em ambulatório e unidade de terapia intensiva; pronto atendimento; enfermarias em geral; psicomotricidade no contexto hospitalar; avaliação diagnóstica; psicodiagnóstico; consultoria e interconsultoria (CFP, 2007, p. 21).

Nesse sentido, a experiência do estágio proporcionou aos estagiários, especialmente durante os atendimentos realizados no setor ambulatorial, a vivência das dificuldades em desenvolver ações preventivas ou de promoção da saúde, dada a alta demanda e o pensamento ainda muito cristalizado em ações individuais somado à desarticulação com os outros pontos da rede, como uma das inúmeras barreiras que acabam por dificultar o trabalho do psicólogo hospitalar no setor ambulatorial (Homercher; Oliveira; Guazina, 2023). Porém, é necessário que, diante dessas barreiras, o profissional consiga buscar essa articulação com os outros setores para que possam ser ofertadas ao paciente melhores condições de tratamento e qualidade de vida.

Durante essa experiência, os estagiários se depararam com pacientes e familiares lidando, ou ao menos tentando lidar, com distintas emoções e sentimentos direta ou indiretamente relacionados à doença, principalmente doenças que restringiam o paciente ao

leito hospitalar. Essa experiência abarca o surgimento de reações emocionais e psicológicas, reações comportamentais, reações somáticas, entre outras que mostravam-se afetando o modo com o qual os pacientes se percebiam e entendiam sobre si mesmos, em decorrência da necessidade da hospitalização e do distanciamento de suas vidas, entendendo este processo dado na hospitalização dos pacientes como um potencializador de emoções e sentimentos adversos que impactam na procedência de suas vidas após serem retirados de suas rotinas.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

A proposta dos atendimentos em âmbito hospitalar, com ênfase nos setores secundários e terciários, se deu para o contato com o dinamismo e diferentes demandas psicológicas e de saúde que existem nas internações e tratamentos mais intensivos, o que torna a estadia no hospital algo denso e desgastante psicologicamente, não somente aos pacientes e acompanhantes, mas também pode impactar os profissionais da saúde, que lidam com diversas demandas com os recursos que lhes estão disponíveis, muitas vezes faltosos em relação à estrutura da instituição. Desta forma, o ambiente hospitalar, pelo seu dinamismo, é um forte agente estressor, que pode gerar outros comprometimentos psíquicos e emocionais. Conforme Ely *et al.* (2015, p.2) apontam:

O estresse tanto pode ser causado pela doença, como pelos procedimentos médicos e, também, pelo ambiente físico-social. As consequências são variadas manifestações negativas no corpo humano como ansiedade, depressão, aumento da pressão arterial, aumento da tensão muscular, isolamento social, sonolência, complicações com medicamentos, entre outras. Portanto, o ambiente hospitalar deve prover atributos que contribuam para o bem-estar destes usuários.

O setor secundário de atenção tem por objetivo atendimentos ambulatoriais especializados, considerados como nível de complexidade média, alinhados à atenção primária, casos que não necessitem de urgência e emergência, como em casos de necessidade de investigação dos sintomas apresentados. Exemplos das especialidades que se enquadram neste setor são consultas ao cardiologista, ortopedista, dermatologista ou gastroenterologista. O setor terciário compreende em seu campo hospitais maiores, enquadrando-se no nível de complexidade alta, tendo casos mais emergenciais e pontuais e necessitando de uma especialização mais ampla com tratamentos mais incisivos, como oncologia, transplantes e cirurgias de alto risco.

Abordando esses dois campos de atuação, o período de realização do estágio compreendeu os aspectos apresentados no artigo 11 da Resolução Nº 17, de 19 de julho de 2022, do CFP (Conselho Federal de Psicologia) (2022, p. 4), que diz que:

Art. 11. A atuação da psicóloga e do psicólogo na Atenção Secundária deverá estar pautada nos atributos desse nível de atenção à saúde, especialmente no que se refere à equidade, à integralidade, à universalidade do acesso, à longitudinalidade, ao acolhimento e ao cuidado em liberdade e compartilhado em rede.

Desta forma, foi possível elencar as demandas que mais surgiram no período de estágio, sendo elas a angústia perante conflitos familiares e o aspecto da responsabilização do cuidado ao ente adoecido, a rede de apoio propriamente dita e o ambiente hospitalar, que apresentou carência em alguns recursos, e o próprio impacto que causava sobre os pacientes, como a perda da autonomia e autenticidade do indivíduo hospitalizado e de quem os acompanhava, a tristeza, a mudança em como cada um dos envolvidos percebia a si próprio e ao outro, a proximidade com a morte, seja pelo avançar da idade ou através de um diagnóstico difícil, que os lançava para uma reflexão sobre o fim da vida e como era necessário, a partir destas reflexões, o olhar para as possibilidades diante da situação existencial; cada um deles experienciava de modo único a hospitalização.

Segundo Braga e Uzuelle (2021, p.30):

A Psicologia Hospitalar busca comprometer-se com questões ligadas à qualidade de vida dos usuários bem como dos profissionais da saúde. Portanto, não se restringindo ao atendimento clínico, mesmo este sendo uma prática universal dos psicólogos hospitalares.

Destarte, foi fundamental realizar intervenções precisas mediante as falas e os pensamentos dos pacientes, tendo os estagiários compreendido, durante os seus atendimentos, que deveriam, dentro da posição na qual estavam colocados, trabalhar junto a estes pacientes as suas possibilidades e potencialidades a partir de um diagnóstico médico e/ou o saber da prevalência de uma doença crônica, visando sempre, neste contexto delicado, ao lado humano do paciente, ao invés da sua doença.

A temática ligada à humanização do atendimento em saúde mostra-se relevante no contexto atual, uma vez que a atenção e o atendimento no setor saúde, calcados em princípios como a integralidade da assistência, a equidade e a participação social do usuário, dentre outros, demandam a revisão das práticas cotidianas com ênfase na criação de espaços de trabalho menos alienantes que valorizem a dignidade do trabalhador e do usuário (Casate, 2005 *apud* Braga; Uzuelle, 2021, p. 32).

Pois, por mais que cada diagnóstico pudesse vir a ser entendido por eles como uma sentença, o saber sobre a doença, bem como o saber sobre si mesmos, compõem a história de vida e visão particular de mundo destas pessoas, possibilitando, desta maneira, ao escolherem mudar seus hábitos de vida e se responsabilizarem por si próprios, encontrar possibilidades que os permitam vir a superar essa tal “sentença médica” e buscar um modo mais sadio de existir, promovendo qualidade de vida a partir do momento em que a humanização passa a ser experienciada, na medida em que essas pessoas são enxergadas pela equipe profissional do

hospital como um ser humano para muito além de seu enquadramento clínico.

2 METODOLOGIA

Para este estudo foi utilizada a pesquisa qualitativa e bibliográfica voltada para a compreensão acerca da Psicologia Hospitalar, a fim de elucidar as características gerais do atendimento psicológico em hospitais, com ênfase nos setores secundário e terciário.

A análise qualitativa foi realizada ao buscar nos atendimentos o aprofundamento das demandas emergentes, utilizando como premissa a descrição delas por cada paciente, acompanhante ou funcionário, que com a escuta ativa e discussões supervisionadas puderam ser desenvolvidas a fim de gerar uma boa compreensão dos fatos obtidos, unindo-os aos referenciais teóricos, buscados nas pesquisas bibliográficas extraídas de diversos textos, artigos científicos e livros de autores e estudiosos da área.

Nessa perspectiva, Sousa e Oliveira (2021) citam que a pesquisa bibliográfica faz parte da vivência acadêmica e tem por finalidade propiciar o desenvolvimento de habilidades sociais acadêmicas específicas, a citar: atualização do conhecimento e aprimoramento sobre temas específicos, alinhados ao empirismo científico de obras publicadas.

3 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

A intervenção foi realizada com pacientes de diversos setores do hospital, mais predominantemente no setor ambulatorial, de acordo com demandas e urgências pertinentes dos dias de atendimento. Foram realizados 76 atendimentos no total, sendo 28 pacientes do sexo feminino e 63 pacientes do sexo masculino, compreendendo as faixas etárias de 06 a 82 anos. Também se fez necessário, ao longo do estágio, realizar atendimentos com os acompanhantes devido à complexidade e delicadeza de alguns casos atendidos, compreendendo como também sendo uma extensão dos seus serviços prestados, que preconizam a prevenção e a promoção da saúde no contexto hospitalar.

As queixas que mais se apresentaram durante os atendimentos, de modo geral, foram sobre as angústias emergidas durante o percurso da hospitalização frente aos aspectos particularmente institucionais, mas também angústias advindas dos aspectos interpessoais com relação aos outros pacientes e/ou com membros da equipe hospitalar, ocasionando diversas demandas psicoemocionais com necessidade de acolhimento. Em conjunto, foi evidenciado também que, em alguns relatos, as queixas acolhidas vinham das dores propriamente ditas, a

dor física e o sofrimento que cada paciente trazia frente ao seu modo de experientiar determinada doença em seu modo mais particular de existir.

4 PROCEDIMENTOS

O estágio em Psicologia da Saúde e Hospitalar possibilitou aos estagiários a inserção dos atendimentos psicológicos investigativos e interventivos nos setores de atenção à saúde secundária e terciária, em sua maior parte na ala denominada “ambulatório”, onde se encontravam 08 quartos de internação, com um a três leitos, e o posto de enfermagem, com os utensílios e recursos de intervenção dos enfermeiros.

Durante os dias em que eram realizados os atendimentos, os estagiários eram direcionados pela psicóloga da instituição em casos específicos, como por exemplo, de pacientes que apresentavam qualquer tipo de quadro psiquiátrico. Quando não, os estagiários tinham livre acesso aos quartos e leitos dos pacientes sem quaisquer tipos de restrição por parte tanto da psicóloga responsável pelos estagiários dentro da instituição quanto também por parte dos médicos e enfermeiros, tendo acesso à leitura de prontuário de pacientes para que pudessem compreender cada caso de modo integral, sem que pudessem ter uma experiência fragmentada sobre determinado quadro. Deste modo, fluidificaram-se informações fundamentais de cada paciente para que pudesse se fazer um acompanhamento intersetorial e multidisciplinar de modo eficaz (Inéz et al., 2025), oferecendo a esses alunos maior autonomia para que pudessem ter suas próprias experiências na prática como Psicólogos Hospitalares e na articulação entre o saber da Psicologia e os demais saberes quando se trabalha com a ideia de uma equipe multiprofissional e interdisciplinar.

Alguns atendimentos ocorreram no pronto-socorro, com demandas oriundas de saúde física, o que comprometia o emocional alinhado ao estresse que o ambiente hospitalar propicia. A demanda mais emergente foi a espera, que, diante da alta demanda, era um tempo extenso. Foram observados os fatores que causavam essa angústia entre o ser atendido na recepção, formalizar a ficha, receber o atendimento médico, realizar exames, receber a medicação e o retorno dos enfermeiros para conferir sinais vitais e receber a confirmação da alta ou a necessidade de internação.

Ressaltando os aspectos psicológicos dos pacientes, observa-se que:

Ao ser hospitalizado no pronto atendimento, o paciente vê-se exposto a experiências mobilizadoras de afetos: a espera pela chegada do médico, pela realização e resultado de exames, a expectativa pelo diagnóstico e o impacto que este pode gerar em sua vida, a ansiedade a depender do prognóstico e as implicações geradas pelos tratamentos a serem realizados. Além dos sentimentos de angústia e apreensão que podem ser experienciados, o paciente vê-se em uma situação de vulnerabilidade, uma

vez que, além de estar longe de casa, está também submisso aos cuidados de outras pessoas, cercado em sua autonomia (Leite *et al.*, 2018, p. 147).

De modo geral, os estagiários fizeram seus atendimentos na beira do leito dos pacientes, seguindo as orientações recebidas em supervisão e de acordo com a teoria apreendida quanto ao atendimento do psicólogo hospitalar, entendendo o aspecto do termo “psicólogo de corredor”, que diz respeito à flexibilização e ao dinamismo do serviço. A observação atenta fez parte das visitas no hospital, uma vez que compreendeu-se que muitas vezes as demandas e as angústias não surgiam de modo explícito, então foi apurado o olhar e a escuta, sempre mediante perspectiva dos próprios pacientes sobre como se percebiam naquele momento frente ao tratamento que recebiam.

Vale destacar que, além dos atendimentos, foram realizadas reuniões pontuais com a equipe multiprofissional, a citar: psicóloga hospitalar responsável, fonoaudióloga, enfermeiros de plantão no período em que o estágio foi realizado e consultas aos prontuários mediante autorização. Notou-se uma melhora gradativa ao longo do estágio neste ponto, pois esse contato com os profissionais proporcionou aos estagiários a oportunidade de desenvolverem a atuação no hospital de modo mais efetivo, o que demonstrou a importância da função da equipe multidisciplinar e interdisciplinar dentro do hospital. Entende-se que:

O fazer do psicólogo fundamenta-se no conhecimento do perfil de saúde-enfermidade da comunidade e volta-se para o desenvolvimento de seu potencial de saúde. Só assim, será possível pensar as práticas de promoção de saúde e de prevenção primária de doenças. Neste nível as práticas devem ser interdisciplinares e multiprofissionais, já que dependem do conhecimento e da contribuição das várias disciplinas relacionadas (Alves *et al.*, 2017, p. 552).

O setor ambulatorial marcou a experiência dos estagiários devido a todas as formas de sofrimento que se apresentavam através da condição de cada paciente, abrindo-se como possibilidade proporcionar um acolhimento diferencial a essas pessoas, como apontam os autores Lulli *et al.* (2025, p. 233):

O acolhimento e a escuta qualificada são recursos instrumentais da prática do PH, possibilitando um espaço para toda e qualquer queixa ou relato, permitindo que o paciente seja compreendido para além da categorização diagnóstica.

Deste modo, trabalhou-se de forma a humanizar os pacientes, promovendo reflexões junto a eles em relação a si próprios e ao modo privado no qual se percebiam “presos ao leito”, o que poderia vir a levá-los ao sofrimento relacionado a estas privações no presente e também em relação ao futuro de cada paciente acometido por tantas outras formas de perturbações. Deste modo, experienciou-se o exercício da profissão do psicólogo hospitalar a partir da elaboração de uma escuta desse ser que muitas vezes se desvela imerso no paciente no contexto

hospitalar, ainda mais no setor ambulatorial.

Existe a necessidade de se compor este acompanhamento humano através dos olhos de uma equipe multiprofissional, sendo facilitadora no andamento da recuperação do paciente em todas as frentes, tanto do campo biológico quanto do campo psíquico. Mas também deve-se ofertar um acolhimento aos acompanhantes, de modo que, segundo Chagas e Silva (2021, p. 480), “compreende-se esta atuação multiprofissional como uma inter-relação entre os diferentes profissionais, que considera o paciente na sua integralidade, numa atitude humanizada, tendo uma abordagem ampla e resolutiva do cuidado”, ou seja, faz-se necessário não apenas realizar um tratamento direcionado à doença, mas também abranger o ser humano e sua família, que também fazem parte deste processo, muitas vezes difícil e doloroso. Porém:

Apesar dos dispositivos legais que formalizam a atuação multiprofissional na rede de saúde pública, percebe-se na prática a existência de desafios para esta atuação em âmbitos hospitalares, devido às estruturas implantadas nas redes hospitalares, seguidos por modelo de gestão verticalizado, que apresentam uma oferta de assistência impessoal e fragmentada, partindo para a indefinição de vínculos entre usuários e profissionais (Chagas; Silva, 2021, p. 481).

Na prática psicológica hospitalar, o profissional deve se atentar a algo muito além de uma questão de saúde, a questão social, pelo fato de muitas vezes o familiar se abdicar de sua vida visando se dedicar ao acompanhamento de seu ente querido, sendo muito comum nesses contextos os acompanhantes virem a passar horas e dias ao lado do leito de um hospital acompanhando de fora a dor e o sofrimento da pessoa querida, conforme apontam Bruscato e Condes (2020, p. 09):

O adoecimento de um membro altera o cotidiano da família, de modo a afetar a dinâmica e o estado emocional dos demais, uma vez que os eventuais problemas financeiros, o medo da morte, o sofrimento do doente e o do próprio familiar se fazem presentes para todos.

Um fato que difere o psicólogo hospitalar dos demais agentes dessas instituições que visam ao cuidar, no cotidiano de uma rotina muitas vezes estressante e desgastante, é o olhar humanizado para além da pessoa enferma no leito, abrangendo também o núcleo social dessa pessoa, a sua família, suas dores e angústias frente à imprevisibilidade de um quadro clínico, pois estes acompanhantes não podem passar como vivências invisíveis dentro do cotidiano hospitalar.

Nos relatos analisados, observou-se a presença de diversos fenômenos psicológicos, os quais puderam ser compreendidos à luz da abordagem teórica dos estagiários e suas implicações, especialmente os processos de abdicação, sobrecarga, angústia existencial e resistência emocional, tanto do paciente quanto do acompanhante, além do relato de alguns funcionários acerca de dificuldades em demonstrarem suas emoções e sentimentos.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

A experiência de estagiar em um hospital municipal do interior paulista, dentro da perspectiva da psicologia hospitalar, trouxe um pouco de como se faz psicologia quando o profissional está inserido em um contexto complexo, devido a inúmeras e distintas demandas que chegam ao psicólogo e no devido conhecimento que envolve não somente a saúde mental, popularmente atribuída às emoções e sentimentos, mas também lhe é exigido um conhecimento e/ou um melhor entendimento sobre o adoecer físico/orgânico no qual o psicólogo poderá vir a atuar na resultante qualidade de vida. Ou seja, o fazer psicologia no hospital requer do profissional muita flexibilidade e resiliência, considerado o dinamismo e, em muitos casos, aprendendo a lidar com outro aspecto, muito comum em instituições como essa, a falta de infraestrutura para que consiga exercer sua função com maior conforto e segurança.

Conforme Batista (*et al.*, 2025), quando se busca compreender a evolução dos modelos de atenção à saúde através da história, é possível compreender que desde sua origem estiveram intrinsecamente vinculados ao modo como o qual as ciências se fundamentavam na visão biomédica, isto é, visavam preconizar somente a dimensão biológica se contrapondo à subjetividade e às necessidades psicossociais dos pacientes. Contudo, estes aspectos, antes negligenciados pelo saber médico, na atualidade vêm ganhando cada vez mais atenção e cuidado por parte da equipe médica e de enfermagem, por reconhecerem que fatores associados à subjetividade dos pacientes carregam fortes implicações no estabelecimento da doença, bem como diversos fatores psicossociais. Hoje, através da humanização do processo de tratamento da doença, pode-se perceber suas influências no modo como surgem determinadas comorbidades e de como se é realizado o acompanhamento e direcionamento nestes casos.

Quanto à questão da humanização do processo de tratamento, durante a experiência pôde-se perceber que este fenômeno surgiu como sendo um dos mais importantes fatores que, unidos ao tratamento, vêm a contribuir muito para que as pessoas em condição de paciente se sintam acolhidas e respeitadas durante o período no qual necessitam de estar hospitalizadas. Os próprios pacientes levaram aos estagiários o quanto um simples ouvir lhes trazia um conforto e proporcionava a eles, durante estes momentos, esquecerem da doença em si, e ao mesmo tempo resgatavam a si próprios através do poder falar como se sentiam frente às enfermidades que lhes afigiam, contribuindo para o fortalecimento de uma simples escuta o aspecto psicoemocional frente à sua hospitalização.

É no escutar que isso emerge, diante destes contextos de dor e sofrimento, nos quais muito daquilo que é tratado é o físico, pois trata-se para que a doença não venha a progredir e,

através disso, o corpo do paciente passa a ser invadido por agulhas e sondas. Porém, simplesmente se permitindo ouvi-las já pode se estar contribuindo para o resgate da dignidade daquela pessoa, sendo este um papel fundamental do profissional psicólogo, que, através deste olhar para o ser humano, vai contribuir para que o sofrimento seja minimizado durante a hospitalização, tanto do paciente quanto também das pessoas que estão ao lado do leito (Gomes; Rocha, 2024). Se o paciente, em muitos dos casos, é tratado sem dignidade alguma, quando se é voltado para os acompanhantes, percebe-se, através da fala dessas pessoas em experiências passadas, que acabam sendo tratadas como invisíveis para o hospital.

O que também remete a um fenômeno importante observado, a abdicação dos acompanhantes, que muitas vezes se dedicavam completamente ao cuidado do paciente, deixando suas próprias necessidades de lado. Esse sacrifício emocional gerou um desgaste psíquico profundo, principalmente quando havia resistência em aceitar ajuda externa. A busca incessante por controlar a situação e o desejo de serem os cuidadores perfeitos, muitas vezes, resultavam em uma sobrecarga emocional difícil de lidar.

A escuta atenta e empática foi essencial para que os pacientes e acompanhantes se sentissem compreendidos e acolhidos, ajudando-os a lidar melhor com as angústias e o sofrimento. O apoio psicológico contribuiu para que cada pessoa pudesse ressignificar sua experiência de hospitalização, encontrando alívio e, em muitos casos, um novo significado para suas vivências. Assim, a psicologia hospitalar se mostrou um elemento fundamental no cuidado integral, auxiliando na qualidade de vida e no enfrentamento dos desafios do adoecimento.

Compreendeu-se que os atendimentos no ambiente hospitalar não poderiam ser pautados em um atendimento psicológico clínico; o olhar clínico e crítico da situação pode e deve existir, mas a postura do psicoterapeuta clássico não é possível por não sanar as demandas de forma pontual, não ser o ambiente adequado para isso e pelas demandas serem quanto à necessidade de apoio e informação dos pacientes internados, fenômenos altamente observados nos atendimentos. Ao verem os estagiários de jaleco, os pacientes direcionavam perguntas sobre a instituição ou procedimentos médicos a que seriam ou foram submetidos. O psicólogo hospitalar assume uma posição de atuante da “Psicologia Médica”, que proporciona, a princípio, qualidade de vida diante do sofrimento psicológico que a doença orgânica traz a partir desse primeiro contato, ainda na relação paciente-doença.

No contato com o paciente, o psicólogo constrói o vínculo terapêutico, mostra-se disponível para a escuta das queixas e demandas, identificando, de forma colaborativa, as situações que provocam sofrimento, visando reorganizar a tensão emocional. Busca-se promover conversações para os acompanhantes, demais familiares e equipe de saúde com o objetivo de mediar o relacionamento e a

comunicação destes com o paciente e, por outro lado, atender às demandas emocionais da família (Azevêdo; Crepaldi, 2016, p.581).

No estágio foi possível intervir de acordo com as demandas trazidas pelo paciente que, em alguns casos, permeou apenas o ambiente hospitalar e a doença, em outros foi possível chegar a aspectos mais subjetivos do ser e até receber uma demanda descontraída, que proporcionava um escape das tensões que a doença e o ambiente trazem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio em Procedimentos Investigativos e Interventivos em Psicologia da Saúde e Hospitalar tinha por finalidade possibilitar aos estagiários uma melhor compreensão de como o fazer da psicologia acontecia no âmbito da prática dentro do contexto hospitalar, entendendo o quanto pode ser requisitado pelo paciente um espaço de fala, onde suas angústias possam ser acolhidas e trabalhadas devolvendo a dignidade dessas pessoas. O trabalho do profissional da psicologia no hospital é justamente de se resgatar o lado mais humano do paciente, nunca abdicando de sua história de vida, de modo que este profissional consiga se desmistificar da imagem atrelada ao jaleco e passar a ser concebido dentro deste enquadre como uma figura distinta, na qual a doença nunca é sobreposta à pessoa, visando sempre preconizar a saúde e a qualidade de vida de cada um dos assistidos.

Diante de tudo o que foi explicitado neste trabalho, a possibilidade ofertada pelo curso de psicologia durante o quinto ano de graduação trouxe aos estagiários a oportunidade de experienciar um pouco de como a vivência da rotina hospitalar pode desencadear inúmeras emoções e sentimentos para o paciente, principalmente no ambulatório, onde suas possibilidades se mostraram restritas frente às suas condições de saúde física, emocional e psicológica, tornando esta vivência muito rica e agregadora de um aprendizado único e complexo, frente às competências que estes profissionais necessitam para lidarem diariamente com distintas e complexas questões oriundas do sofrimento humano, tanto no âmbito da saúde como também e, essencialmente, social.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Raquel Ayres de; MALAGRIS, Lucia Emmanoel Novaes. Psicólogo da saúde no hospital geral: um estudo sobre a atividade e a formação do psicólogo hospitalar no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 3, p. 754-767, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/3wfdVFWNsD6FhhR9vHPrtyF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 de maio de 2025.

- ALVES, Railda et al. Atualidades sobre a psicologia da saúde e a realidade brasileira. **Psicologia, Saúde e Doenças**, v. 18, n. 2, p. 545-555, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/362/36252193021.pdf>. Acesso em: 01 de maio de 2025.
- ASSIS, Fabiane Espindola de; FIGUEIREDO, Sue Ellen Ferreira Modesto Rey de. A Atuação da Psicologia hospitalar, breve histórico e seu processo de formação no Brasil. **Psicologia Argumento**, [S. l.], v. 37, n. 98, p. 501–512, 2020.
- ASSUNÇÃO, Ana Caroline et al. Inserção da Psicologia em um hospital geral: desafios, demandas e perfis dos pacientes atendidos. **Scientia Generalis**, v. 6, n. 1, p. 100-111, 2025. Disponível em: <https://www.scientiageneralis.com.br/index.php/SG/article/view/671/514>. Acesso em: 01 de maio de 2025.
- AZEVÉDO, Adriano Valério dos Santos; CREPALDI, Maria Aparecida. A Psicologia no hospital geral: aspectos históricos, conceituais e práticos. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 33, n. 4, p. 573–585, out. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/JHXxwcXNsqNk3f3pfssyyhFP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 30 de abr. de 2025.
- BATISTA, Rodrigo de Aguiar Santos et al. Humanização No Atendimento À Saúde Centrado No Paciente. **Cognitus Interdisciplinary Journal**, v. 2, n. 1, p. 217-226, 2025. Disponível em: <https://ojs.editoracognitus.com.br/index.php/revista/article/view/37/44>. Acesso em: 15 de abr. de 2025.
- BRAGA, Beatriz Gomes; UZUELLE, Ricardo Mancera. **A atuação do psicólogo hospitalar: um olhar fenomenológico a partir da percepção dos profissionais da saúde**. 2021. Tese de Doutorado. Centro Universitário Barão de Mauá. Disponível em: <https://repositorio.baraodemaua.br/items/cff95704-4bda-4806-8b3b-d0f69f2e91a4>. Acesso em: 17 de abr. de 2025.
- BRUSCATO, Wilze Laura; CONDES, Renata Pereira. Caracterização do Atendimento Psicológico na Saúde. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 36, p. e3642, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/tx3rcWYLRXjQgmnqyN689XL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 de maio de 2025.
- CHAGAS, Júlio César das; SILVA, Luciana Maria Nascimento da. A atuação da equipe multiprofissional na reabilitação do paciente com acidente vascular cerebral-relato de experiência. **Revista Sustinere**, [S. l.], v. 9, p. 466–486, 2021. DOI: 10.12957/sustinere.2021.57345. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/sustinere/article/view/57345>. Acesso em: 4 dez. 2025.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução Administrativa/Financeira n.º 13, de 14 de setembro de 2007**. Institui a Consolidação das Resoluções relativas ao título profissional de Especialista em Psicologia, e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2008/08/Resolucao_CFP_nx_013-2007.pdf. Acesso em: 17 de abr. de 2025.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução nº 17, de 19 de julho de 2022**. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/parametros-para-assistencia-psicologica-em-saude/conheca-a-resolucao-17-2022/>. Acesso em: 17 de abr. de 2025.

ELY, Vera Helena Moro Bins; VERGARA, Lizandra G. Lupi; TISSOT, Juliana Tasca. A humanização como estratégia na redução do estresse em pacientes internados, 2015.

GOMES, Rannatricia Sampaio; ROCHA, André Sousa. Estágio em psicologia hospitalar: desafios e potencialidades. **Scientia. Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 7, p. 1-11, 2024. Disponível em: <https://publicacoes.flucianofeijao.com.br/scientia/article/view/9/2>. Acesso em: 15 de abr. de 2025.

HOMERCHER, Bibiana Massem; DE OLIVEIRA, Felipe Schroeder; GUAZINA, Félix Miguel Nascimento. Atendimento psicológico ambulatorial em hospital geral: reflexões de um (a) estagiário (a) de psicologia. **Psicologia Revista**, v. 32, n. 2, p. 435-458, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/51526/44323>. Acesso em: 01 de maio de 2025.

INÉZ, Natália Pereira et al. Referência e Contrarreferência: Desafios para a Integralidade do Cuidado. **Revista Mosaico**, v. 16, n. 1, p. 163-176, 2025. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/4819/2806>. Acesso em: 06 de jun. de 2025.

LEITE, Kauane Linassi; YOSHII, Tatiane Pedroso; LANGARO, Fabíola. O olhar da psicologia sobre demandas emocionais de pacientes em pronto atendimento de hospital geral. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, v. 21, n. 2, p. 145-166, 2018. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/292>. Acesso em: 17 de abr. de 2025.

LULLI, Maria Clara Salvina Rosa et al. A PSICOLOGIA HOSPITALAR NA ATENÇÃO À URGÊNCIA E EMERGÊNCIA: Percepção da enfermagem em uma Unidade de Pronto Atendimento da cidade de Patos de Minas-MG. **Scientia Generalis**, v. 6, n. 1, p. 227-238, 2025. Disponível em: <https://www.scientiageneralis.com.br/index.php/SG/article/view/682/528>. Acesso em: 01 de maio de 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Humaniza SUS: documento base para gestores e trabalhadores do SUS. **Série B. Textos Básicos de Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização**, 2010.

SANTOS, Denise Bernardo dos; GOMES, Maria Helena Pinheiro; SILVEIRA, Bárbara Batista. O papel do (a) Psicólogo (a) na Unidade Básica de Saúde sob uma Perspectiva da Psicologia da Saúde. **Revista Mosaico**, v.11, n.1, p. 88-92, 2020. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/2282/1375>. Acesso em: 01 de maio. de 2025.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.